

Revista Adventista

Mensagem às igrejas da Divisão Sul-Europeia

De 8 a 15 de Dezembro de 1954, reuniu-se em Viena, Austria, o Conselho Anual da Divisão Sul-Europeia. Estiveram presentes representantes da França, Bélgica, Suíça, Itália, Espanha, Portugal, Jugoslávia, Grécia e África do Norte.

Pelo mesmo Conselho foi preparada uma mensagem dirigida a todas as igrejas da nossa Divisão, que a seguir publicamos:

Prezados Irmãos e Irmãs:

Em face dos grandes problemas da hora presente e da grandiosidade da tarefa por acabar que o Senhor confiou ao Seu povo nestes últimos dias da história do mundo, renovamos a nossa consagração ao serviço da Causa que nos é querida. Pedimos humildemente a Deus a graça e a assistência do Seu Espírito a fim de que se produza um despertar na Sua Igreja; que Ele afaste os obstáculos que se opõem ao progresso da Sua Causa; que todos os nossos membros se tornem conscientes das suas responsabilidades e trabalhos «com temor e tremor» pela sua salvação e pela do seu

próximo; que se empreenda um grande esforço missionário segundo os meios que Ele nos dá. Pensamos, com efeito, que este é o trabalho essencial a realizar-se na nossa época. Reconhecendo a fidelidade e a lealdade dos nossos caros membros no que têm feito no passado, desejaríamos chamar a sua benévola atenção para as importantes mensagens da Serva do Senhor, que se aplicam à hora actual:

«A obra de Deus na terra jamais poderá ser terminada a não ser que todos os homens e mulheres que constituem as igrejas se levantem para trabalhar e unam os seus esforços aos dos pastores e membros dirigentes da Igreja.» (Testimonies, vol. 9, pág. 117).

Que o Senhor, em resposta às nossas orações e esforços, se digne ajuntar à Sua igreja as almas que hão-de ser salvas para o Seu reino e nos fortifique a todos pela Sua graça, a fim de nos preparar para a Sua volta e para que sejamos achados vigiando e orando no momento da Sua grande vinda.

M. V. CAMPBELL, presidente
M. FRIDLIN, secretário

O Concílio Mundial das Igrejas e a mensagem adventista

por Ernesto Ferreira

Desde o tempo da Reforma do séc. XVI foram surgindo diferentes denominações protestantes, cujo número de tal maneira cresceu, que para alguns se tornou pedra de escândalo e para outros estímulo para o estabelecimento de uma organização mundial das igrejas.

Tendo-se, a partir do séc. XIX, registado um magnífico movimento missionário por parte da maioria das igrejas evangélicas, criando problemas e aspirações comuns, não foi difícil encontrar no aspecto missionário do protestantismo uma base de entendimento mútuo e de cooperação. Foi assim que se reuniu em 1910, em Edimburgo, a primeira Conferência sobre a missão mundial da Igreja. Como resultado desta Conferência, foi criado em 1921 o Concílio Missionário Internacional, de que se tornaram membros algumas das principais denominações protestantes.

O chamado «Evangelho social» constituía outro denominador comum, que podia abarcar os mais diferentes pontos de vista doutrinários, e encontrou a sua expressão colectiva na criação do Movimento de Vida e Trabalho, cuja primeira Conferência se realizou em Estocolmo, em 1925, e a seguinte em Oxford, em 1937.

Se não era difícil encontrar uma área de largo entendimento nos pontos de vista missionário e social, já se não passava o mesmo no campo teológico e na organização eclesiástica, onde as divergências eram mais vincadas. No entanto, era esse o desiderato de numerosos dirigentes religiosos, de vistas mais ou menos amplas, resultando na convocação de uma Conferência Mundial sobre Fé e Ordem, a qual se reuniu em Lausana, em 1927, seguindo-se outra em Edimburgo, em 1937.

Foi nesta última Conferência que surgiu a ideia de se coordenarem os esforços anteriormente feitos sob os pontos de vista missionário, social e teológico, num só movimento ecuménico, que se chamaria Concílio Mundial das Igrejas, e cuja sede permanente seria em Bossey, perto de Genebra.

A data fixada para a primeira sessão

desse Concílio foi 1941. Mas, tendo eclodido a Guerra Mundial, só em 1948 foi possível levar avante esse plano, com a já famosa reunião de Amsterdão, onde o Concílio Mundial das Igrejas encontrou a sua expressão formal.

De 15 a 31 de Agosto de 1954, realizou-se em Evanston, nos Estados Unidos, a segunda reunião do dito Concílio, com representantes de 160 denominações cristãs não católicas, e que alguns observadores consideraram como tendo constituído a manifestação do movimento religioso de maior alcance depois do início da Reforma.

É a esta reunião de Evanston que passamos a referir-nos no presente artigo.

★

Para vitar a existência de uma espécie de papa protestante, o Concílio não funciona sob a presidência de uma só pessoa, mas tem à sua frente um *praesidium*, constituído por um grupo de seis presidentes simultâneos, de igual categoria, que se revezam na condução dos trabalhos. Os que exerciam essas funções por altura desta sessão eram os seguintes: o Bispo Eivind Berggrav, da Noruega; o Dr. Marc Boegner, da França; o Arcebispo Atenágoras, de Londres; o Bispo G. Bromley Oxnam, dos Estados Unidos; e o Dr. G. Fisher, Arcebispo de Cantuária, Inglaterra. Faltava o sexto, que falecera recentemente.

Além do tema central do Concílio, a que em breve faremos mais pormenorizada referência, foram tratados seis temas principais, distribuídos por outras tantas secções: Fé e Ordem (versando sobre doutrinas e governo da Igreja); Evangelismo (ou a missão da Igreja em relação aos estranhos à sua vida); Questões Sociais; Negócios Internacionais (ou os cristãos na luta pela comunidade mundial); Relações entre os diferentes grupos (versando sobre tensões raciais e étnicas); A Obra dos Leigos (ou o cristão na sua vocação).

No estudo destes diferentes assuntos, designadamente do primeiro, entrecoca-

am-se pontos de vista irredutíveis, como por exemplo os que se referem ao conceito da Igreja ou à necessidade ou irrelevância da sucessão apostólica no ministério da mesma, os quais só não decaíram no campo da controvérsia graças ao elevado nível de serenidade e cortesia que caracterizou todos os trabalhos.

Essa irredutibilidade manifestou-se de uma maneira particular quando se ofereceu a ocasião de se celebrar a Ceia do Senhor — que teve de se efectuar em cinco locais diferentes, segundo as diversas interpretações, que iam desde a crença na presença real e corpórea de Jesus, dos gregos e russos ortodoxos, dos anglicanos e dos luteranos, até à simples comemoração espiritual da maior parte das modernas denominações evangélicas.

As reuniões realizaram-se todas em Evanston, no Estado de Illinois, excepto uma reunião magna, que teve lugar em Chicago, na qual estiveram presentes para cima de 100.000 pessoas.



O tema do Concílio era: *Cristo — a Esperança do Mundo.*

Uma comissão fora previamente nomeada para a redacção de um documento que cristalizasse as ideias centrais desse tema.

Essa comissão reunira-se pela primeira vez em Julho de 1951, tendo sido então examinada uma redacção que salientava a segunda vinda de Jesus como constituindo a esperança máxima do mundo. Não chegaram então a acordo os diferentes teólogos, destacando-se os europeus pela ênfase dada aos aspectos escatológicos do Cristianismo, posição essa abertamente combatida pelos teólogos americanos.

Uma segunda reunião teve lugar em Setembro de 1952, na qual foram limados os aspectos escatológicos do documento, em parte conservados ainda graças aos teólogos não-americanos.

Devido à falta de acordo, efectuou-se mais tarde um terceiro encontro, que estabeleceu o texto de um documento ou relatório de 51 páginas, de que por completo se removera a doutrina da segunda vinda de Cristo.

Este fora o preço pelo qual se pagara o desejo de unidade inter-denominacional.

Apesar das tendências anti-escatológicas de importantes sectores do Concílio, fizeram-se, no entanto, ouvir notáveis declarações acerca da segunda vinda de Jesus.

Merece menção especial a comunicação do Dr. Edmundo Schlink, reitor da Universidade de Heidelberg, Alemanha, na sessão inaugural do Concílio. Essa comunicação podia, quase na íntegra, ser subscrita por um adventista.

Eis alguns dos seus trechos mais expressivos:

«Sempre que investigamos acerca do futuro do mundo, encontramos imediata e inevitavelmente no Novo Testamento o anúncio do fim do mundo.»

«O Novo Testamento anuncia, além disso, que sobrevirá ao mundo uma grande tribulação antes que ele chegue ao fim; devem esperar-se guerras e fomes, a desintegração da sociedade, destruição das massas e desastres naturais. É-nos dito para vigiarmos pela ocorrência de tais coisas. Onde quer que, pois, se fala da vinda de Cristo como a *Esperança* do mundo fala-se sempre também do fim do mundo.»

Em determinada altura do seu discurso, examinou o ponto de vista daqueles que negam a segunda vinda de Cristo: «Que estes são, com efeito, os últimos dias, parece ser contraditado pelo facto de que já perto de 2.000 anos decorreram desde a [primeira] vinda de Jesus Cristo. Muitas pessoas já não crêem na promessa da Sua segunda vinda. Mas a extensão do tempo não constitue uma refutação da Sua promessa.»

Mais adiante, depois de ter descrito as condições dos nossos dias, declarou: «E todavia é-nos dito: 'Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima' (Luc. 21:28). 'Quando ouvirdes de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis; porque assim deve acontecer' (Marc. 13:7). Para os que esperam em Cristo, porém, o tumulto deste mundo é um sinal certo da Sua vinda. O mundo não tremeria se Ele não fosse o vencedor. Os ventos invernosos que agora estão soprando sobre o mundo são os sinais da próxima primavera. As doenças dos nossos dias são as dores de parto de uma nova criação.»

Numa das reuniões pôde ouvir-se um delegado inglês, G. Goyder, membro leigo de Londres, dizer: «Não sou adventista do Sétimo Dia nem teólogo alemão, mas represento o povo comum das nossas igrejas, homens e mulheres que anseiam por ver uma ênfase mais definida dada ao segundo advento de nosso Senhor, que é a esperança real da Igreja.»

O secretário mundial do Concílio Missionário Internacional, C. W. Ranson, abriu a sua comunicação com as seguintes palavras: «A grande tarefa que foi dada à Igreja é a pregação do Evangelho até aos confins da terra e até ao fim do tempo. Esta é a tarefa que dá significado à existência da Igreja no mundo. Entre o nascimento da nossa esperança cristã na primeira vinda de Cristo e a sua consumação final em que 'Ele voltará com glória para julgar os vivos e os mortos', encontra-se a tarefa por terminar da evangelização do mundo... A pregação das boas novas até aos confins da terra constitui um sinal e uma promessa de que o propósito de Deus será realizado.»

E falando da relação entre as missões e o Concílio Mundial, declarou: «Deus guia o mundo para a sua consumação por meio da missão da Igreja. Pondo de parte esta verdade bíblica basilar esta grande assembleia pouco sentido pode ter. As nossas discussões sobre a natureza da Igreja e sobre o conteúdo da esperança cristã serão estéreis se não resultarem num inevitável apelo à proclamação de uma nova obediência que arremesse a Igreja para todo o mundo como para uma sociedade expectante, *nesta geração.*»

Deste Concílio dois documentos oficiais foram enviados aos 170.000.000 de crentes ali representados pelos seus respectivos delegados.

Um deles intitulava-se: «Declaração da Segunda Assembleia sobre o Relatório da Comissão Redactora do Tema Principal». Feita a afirmação de que não se pôde chegar a completo acordo acerca de todos os aspectos que se referem a Cristo, como Esperança do Mundo, lê-se: «Porque Jesus Cristo morreu e ressuscitou pelo mundo e virá de novo para o renovar e julgar em Sua glória e graça, este mundo está ancorado n'Ele com inabalável esperança» e a Igreja cristã aguarda «a Sua vinda em glória e triunfo no fim desta era».

O outro documento intitula-se «Uma Mensagem da Segunda Assembleia» e foi enviado «a todos os nossos irmãos em Cristo e a todos os nossos semelhantes de toda a parte».

Eis alguns parágrafos dessa mensagem:

«Embora fôssemos inimigos de Deus, Ele [Cristo] morreu por nós. Crucificámo-l'O, mas Deus ressuscitou-O dos mortos. Ele venceu os poderes do pecado e da

morte. Uma nova vida começou. E em seu poder depois de ressuscitado e subido ao Céu Ele enviou ao mundo uma nova comunidade unida pelo Seu Espírito, partilhando a Sua vida divina, e com a missão de O tornar conhecido em todo o mundo. Ele virá outra vez como Juiz e Rei a fim de levar todas as coisas à sua consumação. Então vê-l'O-emos como Ele é e conheceremos como somos conhecidos. Juntamente com toda a criação aguardamos isto com ansiosa esperança, sabendo que Deus é fiel e que mesmo agora Ele segura todas as coisas em Suas mãos.

«Esta é a esperança do povo de Deus em todos os séculos, e recomendamos-la de novo hoje a todos os que ouvirem... Façam os homens o que fizerem, Jesus reina e reinará.»

A mensagem conclui com um apelo pessoal dirigido a cada crente:

«Quanto vos preocupais com isto? Vive a vossa congregação para si mesma, ou para o mundo que a rodeia e que jaz além? A sua vida comum e a vida diária dos seus membros no mundo afirma a Soberania de Cristo ou nega-a?... Perdoais-vos uns aos outros como Cristo vos perdoou? É a vossa congregação uma verdadeira família de Deus, onde cada um pode encontrar um lar e saber que Deus o ama sem limites?

«Não somos suficientes para estas coisas. Mas Cristo é suficiente. Não sabemos o que há-de vir. Mas sabemos Quem está para vir. É aquele que nos encontra cada dia e que nos encontrará no fim — Jesus Cristo nosso Senhor.

«Portanto dizemos-vos: Regozijai-vos em esperança.»

★

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é membro do Concílio Mundial das Igrejas. Reconhecendo embora a sinceridade de crenças e de esforços dos outros corpos religiosos, o nosso Movimento não constitui uma simples denominação protestante. Considerar-se como tal corresponderia a negar a própria essência da sua mensagem. Se tomamos a Bíblia como única regra de fé e de conduta, não podemos reconhecer como igualmente aceitáveis todos os pontos de vista, mesmo quando opostos ao ensino das Sagradas Escrituras, porque a verdade revelada não se contradiz. E, apesar de muitos pontos comuns que

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO ANUAL DE 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Gomes Duarte	2.211	81.340\$00	33.420\$00	114.760\$00
João António	1.638	45.459\$50	2.695\$50	48.155\$00
Idalina Ferreira	1.062		27.610\$00	27.610\$00
Isaias da Silva	1.385	20.194\$00	5.432\$50	25.626\$50
Maria Luiza Saboga	1.453		24.310\$00	24.310\$00
Júlia Sanches	1.742	4.990\$00	6.825\$00	11.815\$00
Júlia Costa	438		11.453\$00	11.453\$00
Flora Saramago	1.292		10.192\$50	10.192\$50
Afonso António	1.232	9.570\$00		9.570\$00
Tomás P. Aguiar	308	9.200\$00	105\$00	9.305\$00
Carlos de Carvalho	291	6.265\$50	2.971\$50	9.237\$00
David Vasco	377	7.850\$00		7.850\$00
Artur Oliveira		7.330\$00		7.330\$00
Parreira Lopes	289	5.855\$00		5.855\$00
Maria C. Resende	1.214		4.350\$00	4.350\$00
José dos Santos	101	4.235\$00		4.235\$00
Anselmo Almeida	154	3.537\$50		3.537\$50
Cipriano Moraes	231	2.840\$00		2.840\$00
Alberto Nunes	74	2.490\$00		2.490\$00
Hermenegildo Silva	82	2.450\$00		2.450\$00
José Sancho	191	1.760\$00		1.760\$00
Domingos Pastor	101	1.740\$00		1.740\$00
José Godinho	111	1.555\$00		1.555\$00
Fausto Gomes	90	1.350\$00		1.350\$00
Luiza Brito	66	1.247\$50		1.247\$00
Clemente Sales	55	1.700\$00		1.700\$00
Manuel Curruto	105	1.170\$00		1.170\$00
Fabião C. Godinho	56	480\$00		480\$00
Diversos	95	3.250\$00	665\$00	3.915\$00
	16.444	226.509\$00	131.380\$00	357.888\$00

O Sec. do Departamento

Fernando Garcia Mendes

Calendário adventista para 1955

- 15 de Janeiro** — Dia da Revista Adventista
- 5 de Fevereiro** — Dia do Lar
- 5 de Março** — Cruzada Missionária
- 5-12 de Março** — Semana de Oração dos Missionários Voluntários
- 2 de Abril** — Início da Campanha das Missões
- 23 de Abril** — Dia do Espírito de Profecia
- 7 de Maio** — Dia Médico-Missionário
- 7 de Junho** — Dia da Voz da Profecia e Oferta para o Fundo de Rádio da Divisão
- 18 de Junho** — Dia da Liberdade Religiosa
- 6 de Agosto** — Dia das Dorcas
- 20 de Agosto** — Dia da Educação
- 3 de Setembro** — Dia da Colportagem
- 24 de Setembro** — Dia da Escola Sabatina
- 1 de Outubro** — Dia Pró-Temperança
- 15-22 de Outubro** — Grande Semana
- 5 de Novembro** — Cruzada Missionária
- 12-19 de Novembro** — Semana de Oração e Sacrifício

Congresso anual da missão do Bongo

No dia 23 de Setembro iniciou-se na Missão do Bongo o congresso anual que se prolongou até ao dia 25.

Encontrava-se connosco o Pastor G. Haberey, verificador da nossa Divisão, assim como os dirigentes da União Angolana, Pastores: Lourinho, Jewell, Casaca e todos os obreiros da sede.

O congresso é, sem dúvida, a maior festa que entre nós se realiza. Este foi certamente o maior que se realizou em toda a Angola, pois é nesta Missão que o trabalho se encontra mais desenvolvido.

Nestes poucos dias, em que foram postas de parte as nossas tarefas habituais, podemos dizer que o Espírito de Deus esteve no meio de nós. Várias reuniões se fizeram nestes dias. Os coros indígenas cantaram hinos especiais. Mas o dia mais solene do nosso congresso foi, indubitavelmente, o dia de Sábado.

Às nove horas da manhã começou a Escola Sabatina. O Pastor Casaca, Secretário deste Departamento, expôs em breves palavras o progresso realizado nesta terra de Angola. Já antes tínhamos ouvido da boca do Pastor Lourinho, Presidente da União Angolana, a maneira prodigiosa como a mensagem do Advento se tem espalhado pelo Mundo.

Afirmou-nos o Pastor Casaca que temos presentemente em Angola 20.500 membros da Escola Sabatina. Só na Igreja do Bongo, contamos com 950. Continuando o nosso programa fez-se a chamada dos membros mais antigos desta Igreja. Um grande número se levantou para atender à chamada. A maior parte com os cabelos já embranquecidos e o rosto enrugado pelos anos, são membros fiéis adventistas há trinta anos. Apesar da sua velhice, nós podíamos descobrir nas pregas dos seus rostos a alegria que tinham no coração por pertencerem ao rebanho de Jesus. Depois da Escola Sabatina teve lugar um culto de consagração. O Pastor Haberey lançou um fervoroso apelo, convidando todos os que ainda não fazem parte das fileiras do Senhor. Este apelo foi secundado pelo Pastor Casaca e duas centenas de pessoas se levantaram e vieram até junto da tribuna. Havia também alguns europeus. Podíamos

ver lágrimas nos olhos de muitas pessoas. Eram lágrimas de alegria, lágrimas de arrependimento. Lágrimas de alegria porque se sentiam felizes ao fazerem entrega do seu eu a Jesus, lágrimas de arrependimento pelo tempo que tinham desperdiçado em vão.

Pairava sobre todos a presença do Espírito Santo. Todos os restantes se levantaram, tendo o Pastor Casaca, Secretário dos Departamentos, pronunciado uma fervorosa oração. E aquele «Amém» que se ouviu no fim, ecoa ainda nos nossos ouvidos e creio que ecoará para sempre nos ouvidos daqueles que o escutaram.

À tarde houve a cerimónia baptismal. 270 almas foram sepultadas nas águas baptismas e ressurgiram, cheias de fé, cheias do Espírito Santo, para uma vida em Cristo. Por toda a Província de Angola foram baptizadas este ano 1.541 pessoas.

À noite realizou-se uma reunião dos M. V., tendo-se procedido à investidura das classes progressivas. Assim, mais um congresso terminou nesta florescente Missão do Bongo.

Mais frutos foram arrecadados. Mais estrelas foram colocadas nas coroas daqueles que contribuíram com o seu esforço para que mais almas encontrassem o caminho certo da Salvação. Mas apesar do que está feito muito resta ainda a fazer nesta vasta Província de Angola. Na verdade «a seara é grande e os ceifeiros são poucos.» (Mat. 9:37).

Desejo terminar com o seguinte versículo: «Rogai ao Senhor da seara para que mande obreiros para a Sua seara.» Sim, oremos e contribuamos com aquilo que nos for possível para que muitas almas entrem no aprisco do Senhor.

Neste dia de Sábado, assistiram à Escola Sabatina e ao culto mais de 3.000 pessoas.

Outubro de 1954.

A. Valente

Professor do Instituto do Bongo

A CAMINHO DA LUZ

Hoje desejamos pedir aos prezados leitores para irem conosco até duas das mais isoladas missões: Luz e Lucusse.

Tomamos o comboio que vem do Lobito e que chega depois de uma noite de viagem, a Nova Lisboa. Caminhamos assim, direitos ao Congo Belga, passando por inúmeras terras, algumas de mais importância, como Silva Porto e General Machado, e por outras, que pouco mais têm do que meia dúzia de casas. A linha do comboio caminha por entre terras ora cobertas de grande vegetação, ora nuas, estendendo-se por quilómetros e quilómetros, até onde a nossa vista não pode já alcançar. Centenas de quilómetros vão ficando para trás, durante um dia e uma noite de comboio. Já começava o dia a clarear, quando o comboio chegou a Vila Luso. É uma bela vila, com grande movimento comercial e ligação para a rica região do Dundo, onde estão as instalações principais da Companhia de Diamantes de Angola.

O campo missionário da Luz estende-se desde a sede da Missão, passa por Vila Luso e caminha até à fronteira do Congo Belga. Por esta vasta região espalham-se inúmeras catequeses com as suas escolas.

Tomemos o caminho para esta Missão. A estrada, ladeada por altas árvores, estende-se por quilómetros e quilómetros em que não vemos mais nada que árvores e mato. Aqui e além, aldeias indígenas, com as suas casas de capim, feitas de paus cobertos de terra, aparecem, para nos dar a certeza de que ali... vive gente.

Uma povoação com as suas casas brancas e as suas ruas bem alinhadas aparece à nossa frente, como num sonho. É Buçaco. O nosso caminho continua e não nos queremos deter, para chegar a casa, ao pôr do Sol. A estrada, umas vezes melhor ou-

tras pior, continua a estender-se debaixo de nós. Pontes, algumas feitas de madeira coberta de terra, surgem no caminho e fazem-nos respirar um pouco... depois de as passar.

Dentro em pouco surge Dala, sede do posto a que pertence a nossa Missão. Daqui para a Missão, nada mais existe do que... mato. Uma grande ponte está em construção, logo abaixo do posto. Passamos ainda pela antiga, muito mais baixa, e sob a qual passa o rio caudaloso.

Depois de alguns quilómetros de estradas, eis-nos caminhando numa estrada aberta no próprio mato, com a possibilidade de abrir outra mesmo ao lado, se a primeira nos não agradar. As rodas do carro, nas suas passagens sucessivas, vão ou consolidando, ou estragando a estrada. Estamos em plena selva, e em região de leão. Os nossos olhos, agora ao aproximar da noite, parecem querer ver em cada vulto que surge à nossa frente, um leão. Mas os quilómetros vão desaparecendo, e breve estamos na Missão, sem que nada tivéssemos visto.

A noite começa a cair rapidamente, e pouco conseguimos ver em volta da casa do Director, grande edifício, hoje em melhores condições de conforto. A nossa volta surgem vários irmãos nativos, cuja linguagem não nos é tão familiar como a de Nova Lisboa. Estamos agora entre os quicocos, com a sua linguagem e os seus costumes característicos. A noite continua a cair calma sobre a terra. Um silêncio profundo encerra tudo. Os nossos olhos buscam no meio do escuro ver alguma coisa, mas somente árvores e sombras... de árvores.

De tempos a tempos os leões passam mesmo pelos terrenos da Missão. Contam-nos que uma vez um deles foi mesmo beber água a um pequeno tanque que fica a uma meia dúzia de metros da casa onde estamos.

A nossa Missão da Luz, quando foi fundada, estava situada numa região densamente povoada. Hoje as aldeias escasseiam ao seu redor. As suas catequeses, como já dissemos, estão a muitos quilómetros de distância. Parece-nos, ao nosso pensamento de europeus, como se pode despoivar assim uma região. Especialmente os contratos de trabalho levaram dali muitos nativos para lugares onde não fossem incomodados. As suas casas de pau a pique, forradas de barro e cobertas de capim, constroem-se com facilidade, e a sua baga-

gem é fácil de transportar. Assim buscam os lugares que melhores perspectivas lhes proporcionam, e assim uma região se torna de um momento para o outro, quase despoçada.

A noite passou rápida. Logo cedo, a vida na Missão começa a despertar. Chegamos à varanda da casa, e começam a surgir os vários edifícios da Missão. De um dos lados fica a casa do professor europeu, nesta altura vaga. A sua cobertura é em capim, num artístico funil, que se eleva a alguns metros acima das paredes.

Sáimos de casa e vamos caminhando pela Missão. Árvores por todo o lado. Pedras brancas indicam os caminhos para os vários lugares. Lá longe, fica o magnífico exercício da escola. No mesmo estilo que a do Bongo, mas situada numa saliência do terreno, dá uma ideia de muito maior imponência. Um caminho ladeado de flores, leva-nos até à porta.

Aqui, nas suas aulas, se reúnem os alunos vindos das várias catequeses do campo missionário. Aqui se preparam para os primeiros exames, seguindo depois os seus estudos no Instituto do Bongo.

Um pouco mais longe fica o edifício da capela. O edifício, muito bem cuidado, tem um belo aspecto. Para lá da capela fica o dormitório das raparigas, com os seus quartos, a sua cozinha. Ali ficam as raparigas que frequentam a escola.

Passamos agora pelo dispensário. Estava, quando lá passámos, entregue a um enfermeiro nativo, que prestava um bom serviço. Tudo ali aparece, desde o vulgar paludismo, às chagas, até aos esfarrapados pelas garras do leão ou da onça. Na outra parte do edifício fica a oficina onde se fabricam capacetes coloniais. Noutro edifício fica a carpintaria, armazém, etc. Para baixo da igreja fica a aldeia onde mora o pessoal da Missão. Seguindo para baixo, vê-se logo o dormitório dos rapazes. Os seus quartos albergam os rapazes que, vindos de longe, vão frequentar a escola. A garagem e outros pequenos armazéns completam esta já vasta Missão. O mato, a poucos quilómetros dos edifícios, para além dos terrenos lavrados, é cerrado. De lá espreita o leão, a onça e outros mais pequenos animais. As culturas da Missão estendem-se por vários lugares e por uma grande extensão onde se cultiva a mandioca, base da alimentação dos indígenas.

Por estas terras muitos têm passado, pregando o evangelho. Aqui todos os anos se preparam alunos para seguirem os seus

estudos e serem porta-luzes do Evangelho. Deus abre o caminho em todo o lado e isso constatamos pelos resultados que os números traduzem, mas ainda mais pelo que podemos conversar com pastores e mestres.

As actividades deste campo, assim como dos outros, inicia-se logo no princípio do ano, com os Institutos dos Mestres. São reuniões dos catequistas e pastores, onde eles são informados dos planos para esse ano, e também a sua fé é revigorada, através de mensagens encorajadoras. As suas mulheres, também, por vezes, vêm, e ali podem beber um pouco de civilização, chamando-lhes a atenção para a missão que lhes está confiada. Mais tarde, realizam-se as campanhas evangelísticas, em lares onde se pretende abrir uma nova escola. Ali, durante dias e dias, se realizam estudos, visitas, curativos e as pessoas são informadas da nossa mensagem. Depois um catequista continuará o trabalho. Passados alguns meses, realizam-se os congressos anuais. Ali se reúnem os crentes de uma região, por vezes vasta. Vêm a pé, quilómetros e quilómetros com as suas bagagens, com suas mulheres e filhos. Durante os dias do Congresso, as reuniões sucedem-se. Termina com a cerimónia baptismal, onde são sepultados os novos crentes que se preparam através das várias classes, para pertencerem a este povo.

A nossa estadia está prestes a terminar. Um soba importante desta região aparece quase ao anoitecer. A sua figura pobremente vestida não revela que é o mais importante daquela região. Os troféus dos seus antepassados são ricos. Um deles assistiu à passagem de Levingstone por aquelas terras, e dele guarda ainda uma curiosa lembrança.

Luz é o nome dado àquele centro de evangelho, e que irradia raios por esta vasta região.

Eis-nos de novo a caminho de Vila Luso. A viagem vai ser mais incómoda e difícil. Chove desde manhã. A carrinha está cheia de caixotes e malas. O nosso lugar é lá em cima. Partilho com o irmão Lopes e com alguns pastores este belo observatório... Durante toda a viagem a chuva continua. Vila Luso ainda está longe. A água penetra por todos os lados.

Eram nove horas da manhã quando saímos da Missão, e agora cerca das cinco da tarde Vila Luso está à vista.

Joaquim Morgado

Do campo missionário de Cuale

É maravilhoso verificar como o Senhor está dirigindo e abençoando a Sua Obra nesta plaga africana!

Quanto eu gostaria, prezados irmãos, leitores da «Revista Adventista», que pudessem vir aqui, ao Campo Missionário de Cuale, e ver o Espírito de Deus operando, de uma maneira bem visível, nos corações de milhares de pessoas, de uma maneira geral pobres de meios de fortuna, andrajosos, ignorantes... Sim, milhares de pessoas vivendo em promiscuidade e em pecado medonho, mas esforçando-se por melhorar a sua condição espiritual, por pactuar com Deus para sossego e tranquilidade das suas consciências cauterizadas pelo hábito do pecado! Como não podeis vir em pessoa, vinde, pois, em espírito e vede o que eu, por este meio, vos mostro.

No dia 22 de Agosto, domingo, às três horas da tarde, junto do riacho Dala, a uns dois quilômetros da Missão de Cuale, podeis ver, meus prezados irmãos, aproximadamente duas mil pessoas, de um e de outro lado da água, umas de pé, com as cabeças descobertas e debaixo do Sol ardente e outras sentadas nos socalcos das encostas, mas todas elas ávidas por contemplar qualquer coisa de interessante, de solene, de comovedor que se vai passar. Entre a multidão de espectadores, notareis, em duas filas, 145 pessoas de caras para a represa da água, onde, dentro de momentos, se vai realizar o acto solene. 145 almas sinceras vão receber o Santo Sacramento do Baptismo. Dentro da água estão três Pastores. Três catecúmenos baixam às águas. Descem com temor e tremor e conscientes da grandeza da bênção que vão receber e das suas responsabilidades para com o Seu bondoso Salvador. Um dos Pastores pronuncia com dignidade e solenemente as seguintes palavras: «Prezados irmãos, segundo a vossa profissão de fé e em nosso Senhor Jesus Cristo como vosso Salvador pessoal, nós vos baptizamos em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, amém.» Três almas morrem para o pecado deste Mundo, são sepultadas nas águas baptismas donde resuscitam para uma nova vida em Cristo Jesus. Graças ao Senhor por isso! Saem

da água para darem lugar a outras três. E a cena continua. Saem uns e entram outros, e os Pastores mantêm-se todo este tempo no meio da água fria a baptizar para o que invocam sempre, alternadamente, a Trindade. Chega por fim o momento em que um só Pastor, a tiritar com frio, como os seus colegas, pronuncia com dificuldade o nome da Santíssima Trindade e submerge a última alma. A multidão expectante canta hinos de louvor a Deus traduzindo a grande alegria havida na Terra e no Céu pelos pecadores que se arrependeram. Isto comove, impressiona, apaixonou-nos pelas almas! 145 queridos irmãos e irmãs são acrescentados à Igreja do Senhor aqui no Campo Missionário de Cuale, que tem agora 518 membros. Todo o louvor e toda a glória são devidos unicamente a Deus.

Que mostraremos no Departamento da Escola Sabatina? Coisas grandes e maravilhosas que o Poderoso Senhor tem feito aqui! 55 Escolas Sábatinas realizam as suas reuniões cada Sábado e seguem o programa indicado por este Departamento. A estas reuniões assistem 4.731 pessoas membros da Escola Sabatina e mais 8.660 como visitas. É com espírito alegre e grato para com o Senhor que verificamos que os membros da Escola Sabatina este ano já aumentaram em 106 % em relação ao fim de 1953. O alvo das ofertas dos doze Sábados da Escola Sabatina foi ultrapassado, nos três primeiros trimestres de 1954, em mais de 50 % em relação ao alvo proposto pela União para este ano. Estamos trabalhando para que no fim deste ano tenhamos 5.000 membros da Escola Sabatina e ultrapassemos em mais de 100 % o alvo das ofertas em relação ao que foi proposto.

Prezados irmãos, vinde e vede os 4.731 membros da Escola Sabatina juntamente com as 8.660 visitas às mesmas reuniões, divididos em 153 classes, sentados nas cabanas, debaixo das árvores, nos bosques e descampados, nas pedras e socalcos dos montes e das encostas, à beira dos riachos e dos caminhos, no centro de aldeias imundas, aqui e ali, estudando a Bendita Palavra do Criador. Ouvi a voz desta centena e meia de monitores explicando as lições da Escola Sabatina, no seu próprio dia-

CONGRESSO ANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DE LUANDA

«E naqueles dias apareceu João Baptista, pregando no deserto da Judeia!» João, era uma «VOZ», que se levantara no deserto com uma poderosa mensagem, à qual respondiam muitos naqueles dias. João realizava num deserto um «Congresso» onde muitos foram para ouvir a simples mas penetrante mensagem do enviado de Deus. Ele era o precursor do primeiro Advento de Cristo.

Não só nos dias de João, mas nos nossos dias, e no deserto deste Mundo, se anuncia uma mensagem final de arrependimento pela «voz» dos mensageiros de Deus, que como João estão preparando o povo para o segundo advento de Cristo nesta geração.

A mensagem que João pregara na era pré-apostólica, é a mesma hoje em princípio e apelo anunciada ao Mundo, uma mensagem preparatória encaminhando as almas ao arrependimento e a fugirem da ira vindoura!

Há, porém, um outro aspecto e circunstâncias diferentes nos nossos dias. O povo nos dias actuais atingiu um grau de elevada cultura amalgamada com uma aparência de religiosidade, que não corresponde aos anseios da alma humana; todavia, muitos há que se sentem tranquilizados abafando a voz da consciência, a qual nestes casos e segundo o apóstolo

lecto, de uma maneira muito simples, mas muito vigorosa e entusiasta; vede também os educandos com muita atenção e respondendo às perguntas que lhes são feitas.

Na verdade o Senhor está executando a Sua Obra sobre a Terra, completando-a e abreviando-a. A promessa está-se cumprindo, indubitavelmente.

(Apelamos para todos os leitores da «Revista Adventista» no sentido de orarem a Deus pelo progresso da Sua Obra aqui no Campo Missionário de Cuale.

S. Paulo se encontra verdadeiramente cauterizada.

Não obstante, a «VOZ» se faz sentir, é a Voz de Deus por intermédio dos Seus Mensageiros!

De Nova Lisboa, vieram os nossos delegados para o congresso da Igreja Adventista de Luanda, os quais nos trouxeram mensagens espirituais, e que muito contribuíram para o êxito do Congresso deste ano. Lançaram-se na cidade 2.000 Programas-Convites, e anunciaram-se na imprensa local as três principais reuniões nocturnas, sendo as de abertura e de encerramento do Congresso, feitas pelo Director-Geral das Missões Adventistas, Pastor Manuel J. Lourinho. Além destas reuniões nocturnas, o Pastor Armando J. Casaca, Secretário da União dos A. S. D., teve a oportunidade de falar nesse Sábado à noite a um belo auditório sobre o tema: «Os acontecimentos da actualidade e o destino do Mundo». Colaboraram também neste Congresso, os Pastores E. L. Jewell, Tesoureiro da União dos A. S. D. e o Pastor E. V. Hermanson.

Na tarde de domingo, realizou-se uma interessante reunião da juventude com um vasto programa, incluindo a investidura de «amigos e companheiros» sob a orientação do Pastor A. Casaca, secretário do Departamento dos M. V. da União Angolana.

O Congresso foi encerrado com o tema da reunião final, «A nossa preparação em face da vinda de Jesus», pelo Pastor M. Lourinho, acompanhado de projecções luminosas. Queira Deus abençoar a semente lançada nos corações das almas de modo que ao ouvirem a Voz de Deus, se apressem a obedecer-lhe e a prepararem-se para o segundo advento de Cristo nesta geração.

Novembro de 1954.

O Pastor da Igreja,

A. M. Candeias

A. J. Rodrigues

Os jovens e a sua vida social

(Palestra apresentada no Congresso dos M. V., de Tomar, em Agosto de 1954)

A juventude é a força viril, impulsionadora e realizadora sobre a qual repousam as esperanças, tanto da nação, de qualquer organismo e mesmo ainda as da própria Igreja.

O jovem de hoje é o homem de amanhã, e portanto a vida será aquilo que ele lher, através daquilo que ele é e sabe e pode realizar.

A juventude dos nossos tempos vive numa época propícia para uma formação defeituosa e incompleta. Vivemos na era em que tudo é bélico, matemático, atómico e revolucionário; é o regímen da contagem e da estatística. A ciência atingiu a sua maior culminância, na sua carreira experimental, e hoje vive em pleno zénite em todos os seus ramos. Tremenda é, pois, a responsabilidade que os homens de hoje ofertam aos senhores do mundo do porvir, motivado pelos seus conhecimentos e empreendimentos, porque em 70 % dos casos as suas descobertas se conjugam para aquilo que pode ser aproveitado para dar a morte.

O jovem moderno em virtude da grande instrução que pode receber mas da débil educação que lhe é ministrada, procura fazer-se a si mesmo. Longe vão um pouco os tempos, em que eles achavam encanto nos serões familiares, junto dos pais e parentes afins, ouvindo as experiências dos mais velhos e aceitando as advertências dos mais idosos. Hoje tudo mudou, o encanto do lar quase que não existe, o jovem saindo do seu emprego ou da escola, apenas está em casa o tempo indispensável para comer e dormir; depois disso, ausenta-se, procura sítios onde se divirta, cavaqueie; lugares que talvez não sendo demasiado indecorosos são um aliciante para o vício e a dissolução.

É esta vida negativa, estas atracções perniciosas que o jovem que se preza, tem que procurar vencer, para que amanhã, tendo novas e maiores responsabilidades, possa estar preparado para bem as encarar e vencer.

Companheiros

Os jovens como os adultos, têm as suas predilecções, no que respeita a amizades e companheirismo. Todo o jovem, a não ser que haja anomalia, gosta de viver em sociedade, porque em si como em todos os animais inferiores, germina o instinto gregário. O homem não é um misantropo (inimigo da sociedade) mas sim um filantropo (amigo da sociedade).

Impulsionados, pois, por esta mola, todos nós procuramos companheiros; e ao fazê-lo temos a impressão de que ele é ou deve ser nosso amigo. Por vezes estas amizades não são aquilo que esperávamos, elas ficam aquém das nossas pretensões; o amigo dilecto que elegemos na nossa concepção não passa de um pseudo-amigo, e isto quando assim sucede é um dos piores males que nos podem suceder, porque sendo enganados por um perdemos a confiança nos outros. Razão tinha alguém quando disse que «o falso amigo é o pior dos inimigos». Isto tem a sua razão de ser porque escolhendo um companheiro, nós escolhemos virtualmente um confidente, dizemos-lhe aquilo que somos, o que pretendemos fazer, quais as nossas inclinações e os nossos gostos.

Ao amigo contamos episódios da nossa vida íntima que jamais contaríamos àqueles que nos deram o ser. Abrimos-lhe o coração, fazemo-lo participar das nossas alegrias, contamos-lhe as nossas aflições e magoas.

Para que um companheiro não nos decepcione, que corresponda ao ideal, formulado na nossa cavaqueira da amizade, é necessário conhecê-lo franca e abertamente, procurar a sua amizade e companhia, não talvez num período fácil da nossa vida, em que tudo são rosas, mas elegê-lo no momento em que a dor talvez nos tenha visitado, a doença molestado. É, pois, neste momento em que nos encontramos pobres, aflitos, desamparados e a sós connosco mesmos, que se encontramos um companheiro, ele será realmente um nosso amigo

dilecto. Já o maior de todos os sábios dizia: «... na angústia nasce o irmão.» (Prov. 17:17). Porque companheiros como aqueles que teve o filho pródigo, há por aí muitos, encontramos-os em qualquer rua, e esquina. Só são por nós e dos nossos, enquanto temos alguma coisa para lhes poder comprar a sua fictícia amizade.

Escolhendo um companheiro, em condições normais é necessário que o seu temperamento e carácter se coadunem com o nosso. O carácter desde que seja bem formado é o melhor tesouro que podemos ter neste Mundo. O carácter do nosso companheiro deve ser bom e bem formado, isto não quer dizer que é obrigatório ter ele uma grande instrução, mas deve demonstrar uma verdadeira educação. Ser educado é saber conviver com todos e consigo mesmo, respeitar as suas liberdades, etc. Bom deve ser o nosso companheiro, ter bom coração, ser altruísta e estar pronto a socorrer qualquer mesmo em seu próprio prejuízo.

A pior coisa que nos pode acontecer como jovem é ter escolhido um companheiro vicioso, e apesar dos nossos conselhos e advertências é incapaz de os abandonar. Há hoje em voga grandes vícios e que, infelizmente, a maioria dos jovens também os têm, tais como:

- a) Beber bebidas alcoolizadas...
- b) Desejos sensuais e concupiscentes...
- c) Fumar...
- d) Freqüentação de lugares indecorosos (tabernas, bares, clubes)...
- e) Prática de certos desportos aviltantes (boxe, catche, luta livre, etc.).

Há muitos jovens que julgam, visto não praticarem as coisas atrás mencionadas, nunca serão os verdadeiros homens de amanhã, mas eu julgo: é praticando-as que nunca o conseguirão ser.

Jovens com estes vícios, não nos servem para companheiros, são contraproducentes, e porquê? A experiência natural, dá-nos a este respeito uma grande lição. Exemplo: Se tivermos num saco dez quilos de batatas sãs, e ali juntarmos um quilo de batatas podres, que sucede? Passados alguns dias constatamos que as podres contaminaram as sãs e não estas que puseram sãs as podres.

Se deitarmos algumas gotas de veneno

num copo de água e depois for ingerido por qualquer pessoa, e a tempo não for socorrida, ela morre. Quer isto dizer: sendo a água boa não pode destruir as propriedades mórbidas do veneno e depois da respectiva mistura, não mais ficou água mas veneno.

O bem é mais poderoso que o mal, visto que um dia o vencerá. No entanto para mim, o mal é mais influente, pois são muito mais as pessoas que o fazem e praticam, lque aquelas outras que seguem o bem. Além disso, da própria história bíblica, tiramos o exemplo seguinte:

Sendo o povo de Israel, o relicário, e o escrínio sobre o qual repousava a luz de Deus e a respectiva revelação, devia portanto ter iluminado os povos pagãos e circunvizinhos, fazê-los participantes das mesmas bênçãos de Deus. No entanto tal não sucedeu, e foi o povo de Deus que se deixou influenciar e recebeu no seu seio as trevas da idolatria e do paganismo dos outros povos.

Se tivermos um companheiro vicioso, pode ser que a princípio ele talvez, por um pouco de respeito que nos possa ter, camufle e evite um pouco os seus vícios, mas depois sem darmos por isso eles começam a aparecer à nossa vista como contas de rosário, diminuindo o que os pratica e atraindo-nos para fazer o mesmo. Pode ser que no começo nos sintamos incomodados e vejamos com repulsa estas coisas, mas depois, no fim de termos feito silenciar por algumas vezes a nossa consciência, encontramos-nos deslizando pela mesma encosta, e desenfreadamente marchamos para o mesmo abismo. (Esta foi em parte a experiência daquele que vos lê esta comunicação).

Nunca nós pensámos que tal nos sucederia. Tendo um carácter bem formado, sentimo-nos agora envolvidos por esses hábitos que nos tornam indelicados, rudes, insolentes e egoístas e tudo isto recebemos paulatinamente daquele a quem escolhemos para amigo e companheiro.

Certo é o aforismo: «Junta-te aos bons e serás um deles, e aos maus e serás pior do que eles.» Recordo aquela frase de Shakespeare no seu livro «Hamlet» que fez pronunciar à rainha da Dinamarca: «Ter visto o que vi para ver o que vejo», e pode ser esta a nossa exclamação, mas pronunciada tarde em demasia.

Pois bem, este quadro pincelado com tintas escuras deve ser evitado, uma vida va-

zia e mórbida não nos deve interessar, mas apenas sôzinhos ou acompanhados, marchemos pelo caminho onde existe o pundonor, a justiça e a civilidade.

Do nosso companheiro devemos requerer que ele seja obediente. Saber obedecer hoje para mandar amanhã. Obediência devemo-la a:

a) Deus... porque dele dependemos e fomos criados.

b) Pátria... porque ali nascemos, vivemos e morremos.

c) Família... onde temos o lar, carinho e conforto.

d) Idosos... pela sua idade, saber e experiência.

Um companheiro nosso não sendo obediente, deve ser para nós motivo de tristeza, e uma das coisas que mais horrorizam o jovem bem formado, é ver outros desobedientes, a tudo, por tudo e a todos, e só obedecem à própria desobediência, e isto é para desgosto nosso, o que mais vemos de característico no nosso pobre Mundo.

O professor ensinando é pelo aluno desrespeitado, o pai para que o filho lhe obedeça promete-lhe um sem-número de coisas. Menosprezam-se as ordens, falseiam-se as leis. Aquele que entra na senda do nosso companheirismo deve ser, portanto, obediente espontâneo; não praticando esta regra áurea, um dia mais tarde, ver-se-ão a braços com grandes dificuldades que foram urdidas por eles mesmos. «Para saber mandar deve-se saber obedecer», dizia o professor e grande magistrado da Nação, Doutor Oliveira Salazar.

O companheiro ideal deve ser, acima de tudo, religioso. Jovem que tem a mesma religião, ou simpatiza com ela, é o ideal. Aqui não há nota discordante, mas sim um completo uníssono, comunhão de pensamentos e atitudes. Aqui o caminho não é divergente mas convergente, as tendências não vêm apenas de um lado mas são bilaterais. Elas dirigem-se para o mesmo fim. A religião dá-nos, pois, esta clareza de espírito e justeza de deveres. Sabemos o que os homens querem de nós, e simultaneamente conhecemos o que Deus de nós espera.

Para que o nosso companheirismo seja bom, nós devemos poder nele espelhar-nos e ambos reflectir as boas normas do dever,

da justiça e da honra. Nós seremos, pois, ditosos quando tivermos um ou mais companheiros com o qual ou os quais possamos seguir pelo caminho que conduz à perfeição. Assim dizia Lamartine: «O caminho parece mais curto quando é percorrido por dois.»

Na escolha de um companheiro, depende em grande parte a nossa sorte ou infelicidade, tudo depende da escolha: «O homem que tem muitos amigos pode congratular-se, mas há amigo mais chegado que um irmão.»

(Continua no número seguinte)

Manuel Laranjeira

O concílio mundial das igrejas e a mensagem adventista

(Continuação da pág. 4)

felizmente nos unem, há outros que nos separam doutrinariamente de todas as denominações protestantes.

Lamentando que nada de importante se tenha ousado afirmar acerca do tempo e da maneira da segunda vinda de Jesus, é-nos grato reconhecer que se tenha no Concílio Mundial das Igrejas chamado a atenção para esse momentoso acontecimento.

Cumpre-nos, como Igreja, levar ao conhecimento do mundo os aspectos relacionados com a vinda do Salvador que foram omitidos pela maior assembleia protestante jamais reunida.

Que o Senhor nos habilite para a grandiosa tarefa que está diante de nós!

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 22,15 às 22,45, é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 330 m.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

NOTÍCIAS DO CAMPO

MR. E MRS. LEONARD PALMER — Deram-nos o prazer da sua visita, tendo passado conosco de 24 a 27 de Dezembro, o Ir. Leonard Palmer e sua Esposa, Myrtle Palmer. Este nosso irmão americano, que se encontra fazendo o serviço militar em França, dirigiu a palavra à Juventude Adventista de Lisboa, no Sábado, 25.

PASTORES MANUEL MIGUEL E SAMUEL DOS REIS — A fim de tomarem parte na reunião anual do Conselho da União, estiveram em Lisboa, de 24 de Dezembro a 8 de Janeiro, os Irs. Manuel Miguel e Samuel dos Reis, directores, respectivamente, da Missão da Madeira e da Missão dos Açores.

PASTOR A. DIAS GOMES — Há mais de um mês, tem-se encontrado em Lisboa, a fim de se restabelecer de impertinente enfermidade, o Pastor A. Dias Gomes, secretário da Escola Sabatina da Divisão. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Portalegre e Crato

«Amplia o lugar da tua tenda, alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas...» (Isaías 54:2).

Nunca uma passagem bíblica teve tanto significado e aplicação nos nossos dias como a que atrás foi apontada. Com convicção sincera o povo do Advento está empenhado, em todo o mundo, em fazer soar as «Boas Novas» neste tempo presente. É que os sinais da volta de Jesus cumprem-se aos nossos olhos apontando para o «breve virá». Por isso, por esta convicção muito própria dos Adventistas, nós, mais do que qualquer outro movimento religioso sobre a terra, estamos fazendo soar o clarim da advertência.

De Portalegre essas Boas Novas passaram os muros da cidade e se espalharam por terras distantes. Ribeira de Nisa, Nisa, S. Julião e Reguengo são filhas dilectas de Portalegre. E a família vai crescendo... Hoje podemos contar com mais uma sala de cultos na linda e progressiva Vila do Crato. Depois de várias tentativas para se encontrar lugar apropriado, não tivemos outro remédio se não alugar um salão de bailes! A transição a operar teria de ser profunda. No entanto, como tantas e tantas vezes acontece, o Espírito de Deus fez-se sentir, indicando, ajudando e inspirando para que tudo fosse feito para honra e glória de Deus. Hoje o povo entra e permanece todo o tempo de culto no mais respeitoso silêncio como se essa casa fosse desde o princípio lugar de adoração. A todos os bons amigos do Crato que estas linhas lerem ficam aqui os meus mais profundos agradecimentos. Bem hajam. Temos, desde a primeira reunião, e já lá vão quatro meses de consecutivo trabalho, a sala, que leva para cima de cem pessoas, completamente cheia. Muito antes da hora já à porta se encontram muitas pessoas que se empurram e acotovelam, pois querem ser os primeiros ou, pelo menos, obter um lugar sentado. Que Deus nos ajude e nos ensine a ganhar estas almas para o Seu reino.

Algumas horas antes de serem escritas estas linhas realizou-se ali a primeira Escola Sabatina. Damos graças a Deus pelo bom princípio. Algumas Bíblias e Trimensários foram logo requisitados e estamos certos de que, com a ajuda de Deus, dentro de algum tempo ali teremos um bom trabalho. Agradecemos que ao serem lidas estas linhas, orações sejam feitas em favor deste povo «que de bom grado receberam a Palavra e examinam, cada dia, pelas Escrituras, se estas coisas são assim» (Actos 17:11).

De Portalegre podemos comunicar aos leitores da Revista que tudo vai bem. Todos os alvos propostos pela União para o ano findo foram ultrapassados. Que Deus nos ajude para que este ano, muito particularmente no que diz respeito à evangelização, seja um ano próspero para nós e para toda a União Portuguesa. É que «até aqui nos ajudou o Senhor».

Voosso em Cristo,

A. S. Miranda

Peniche e Cadaval

Como nos tempos apostólicos, Deus hoje chama-nos para que levemos a mensagem da salvação aos lugares onde esta ainda é desconhecida.

Em 12-11-954 recebi uma carta da Ir. Ester Alonso Dias, de Peniche, em que dizia: «...Tenho muitas saudades da Igreja, principalmente no dia de Sábado. Peço ao Ir. Mendes que venha a minha casa fazer um culto, pois já tenho algumas pessoas interessadas...», e da Ir. Guilhermina Pinto do Cadaval, em 14-11-954: «Não é só em África que nos aguardam almas sedentas de luz. Portugal precisa ser evangelizado. Venha, irmão Mendes, e estou certa que ficará encantado com as perspectivas que aqui se acham para a obra da evangelização.»

Em face destes dois apelos não podíamos ficar indiferentes, e lá fomos a Peniche e Cadaval com o propósito de levar às almas daquelas localidades o alimento espiritual contido no Livro de Deus. As primeiras impressões foram animadoras, pois pudemos falar a dezoito pessoas em Peniche e a 50 no Cadaval, mas mais animador é, depois de algumas semanas de reuniões, podermos continuar a cumprimentar as pessoas sempre com o mesmo agrado que vão continuando a ouvir, e que Domingo após Domingo, lá estão para receberem o Pão do Céu.

Em Peniche, as reuniões são feitas em casa da Ir. Ester A. Dias. Lamentamos que a sua salininha seja pequena para as pessoas que estão interessadas e que estas tenham que ouvir a mensagem mesmo de pé.

Esperamos em Deus que breve possamos dispor de uma sala onde as pessoas nos oíçam mais comodamente instaladas.

No Cadaval fizemos as duas primeiras reuniões em casa da Ir. Guilhermina Pinto, mas hoje, graças à generosidade do Ex.^{mo} Senhor Mirtill Pereira Rodrigues, mui digno comerciante daquela localidade, dispomos de um amplo salão, onde perto de 80 pessoas todos os Domingos assistem à pregação da Palavra.

(Até aqui tem-nos sido possível visitar estas

duas localidades num só dia, graças à boa vontade de alguns irmãos que, colaborando connosco neste serviço de evangelização, põem à nossa disposição os seus automóveis, o que para nós tem sido de grande utilidade, pois a grande distância do percurso (225 kms), e a dificuldade de ligações, não nos permitem fazê-lo de camioneta.

A Obra do Senhor tem que ser terminada, pois os tempos em que vivemos são os tempos do fim. Oremos, irmãos, por estas almas, para que se possam entregar nos braços do Senhor, e que juntamente connosco possam ser herdeiras da vida eterna.

Fernando G. Mendes

São Julião

Festa do Natal — Conquanto o dia 25 de Dezembro, que em geral se dá para o nascimento do nosso Salvador, seja imaginário, pois que as Santas Escrituras nos revelam o ano mas não o dia nem o mês da natalidade de Jesus Cristo, nem existem dados histórico-profanos a esse respeito, realizámos uma pequena festa do Natal nesse dia na nossa Igreja por coincidir com o Sábado, levada a efeito pela direcção da nossa Sociedade dos M. V. Foi colocada uma pequena árvore do Natal no meio da sala da qual pendiam brinquedos que foram oferecidos às crianças presentes. Também estes haviam feito ofertas de algumas peças de vestuário aos irmãos mais pobres da Igreja, tudo devido a uma generosa oferta de uma irmã da Igreja de Lisboa e de outras dádivas de alguns irmãos desta Igreja.

Alvos financeiros — Ao findar o ano de 1954 podemos dar muitas graças a Deus pois que até aqui nos ajudou o Senhor abundantemente e certamente desejará continuar a ser connosco. Todos os nossos alvos financeiros foram alcançados e um ou outro consideravelmente ultrapassado.

Aumento de membros e novos candidatos ao baptismo — Por outro lado é motivo de alegria no Senhor por a nossa Igreja ter aumentado no ano transacto num bom número de membros representando quarenta por cento sobre os existentes. Além disso temos já um bom número de candidatos ao baptismo que se estão preparando para se unirem oficialmente à Igreja, entre os quais figura um jovem de 17 anos que foi expulso de casa por seus pais por abraçar a fé dos santos.

O nosso alvo para o ano corrente é ganhar para a Verdade mais 40 por cento sobre a nova existência, com a graça de Deus, se for essa a Sua vontade. Se assim for veríamos a nossa Igreja duplicar em menos de dois anos. Conceder-nos-á o Senhor que alcancemos esse alvo? Não sabemos, mas já temos metade do nosso alvo, que são os nossos candidatos ao baptismo. É o Espírito Santo que faz a obra. Nós o que temos é de amar a obra e as almas desgarradas, e se-mear a Palavra.

Posto que nenhum alvo seja actualmente estipulado pelos nossos dirigentes do Movimento, como dantes, entendemos que o obreiro deve tomar a iniciativa de estabelecer um alvo segundo as possibilidades que vê diante de si quando anda como que mendigando almas para o Reino de Deus, de colaboração com os fiéis membros da Igreja, porque isso apresenta-se um bom estímulo para o êxito de se salvarem os perdidos da obscuridade e da escravidão de Satanás para a fé e obediência a Deus.

Planos de evangelização — Agora que já pos-

suímos uma máquina de projecções, procuramos não só exhibir os filmes na nossa Igreja, o que certamente concorrerá para o aumento do número de visitas, como também alargar o nosso raio de acção indo a outros lugares.

Com a entrada do novo ano, queira o Senhor continuar a abençoar a obra aqui e em todos os lugares, que é a petição que sempre lhe fazemos pessoalmente e nas nossas reuniões de oração.

Vosso conservo no Senhor
Jerónimo Falcão

Algarve

Em Tavira, foi inaugurada em Novembro, uma apresentável sala que semanalmente atrai cada vez maior número dos simpáticos cidadãos, incluindo médicos, advogados, oficiais do exército e alguns dos bons comerciantes da terra, além de muitas almas, humildes e sinceras, que repletam os 100 lugares e abarrotam o vestibulo com adicionais 70 a 100 pessoas de pé, muitos outros ainda tendo de regressar por não terem onde ficar.

Em Luz de Tavira prosseguem as obras no nosso edifício próprio, que breve apresentará um aspecto agradável e acolhedor a todos que passem pela estrada Nacional 125, que liga Tavira a Faro.

Com o Novo Ano, Faro estreou a sua nova sala, que andou em obras durante três meses. Ficou um salão condigno da Fé que anunciamos e da cidade em que instalámos a Sede Adventista do Algarve. A capacidade é de 160, confortavelmente sentados, com lugar para mais uns 100 de pé.

As Campanhas que simultaneamente se levam a efeito em Tavira e Faro trazem semanalmente a Luz do Evangelho Eterno a mais de 400 pessoas; e a propaganda cerrada que lançamos põem-nos em destaque perante o público, e eficazmente vamos cumprindo a Divina comissão de «Pregar o Evangelho... em testemunho a todas as gentes, para que então venha o Fim.»

João Chaves

MISSÃO DE CABO VERDE

Brava

No Sábado, 23 de Outubro, esteve o Céu ligado com um cantinho da Terra; esse cantinho foi a Ilha Brava, da qual se elevaram hinos de louvor e agradecimento, os quais se iam unir aos dos santos anjos; a nossa igreja rejubilava em união com o Céu.

Com a presença do director da União Portuguesa, sr. Ernesto Ferreira, e do director da Missão Calboverdeana, sr. Francisco Cordas, realizámos a santa festa dos baptismos; seis almas foram sepultadas nas águas; mais seis nomes nos livros da Vida e do Cordeiro. Que alegria inaudita irradiava de todos os rostos; por este motivo, uma irmã foi impulsionada a pronunciar a seguinte frase: «Quem dera que este dia fossem dois!» Um catecumenos disse: «Nunca me senti tão leve como quando saí da água!» Outro disse: «Quando aqui existe tanta alegria, que fará no Céu!» Na verdade esta alegria compensou bem o trabalho de oito meses; bem diz o sábio: «Lança o teu pão sobre as águas, que depois de muitos dias o acharás» (Eclesiastes 11:1). Constatamos, pois, a verdade deste conselho. Logo de manhã partimos até à S.^a do Monte,

realizámos a Escola Sabatina e dirigiu o culto alusivo à Santa Ceia o sr. Ernesto Ferreira; realizou-se esta tão espiritual cerimónia, bem como o Lava-Pés. Realizámos depois uma bela reunião da juventude, que pela escassez do tempo se apresentaram poucos números, tais como: Diálogos, poesias e cânticos. O irmão Cordas procedeu ao exame dos alunos das «Classes Progressivas» que já há algum tempo aqui funcionam, tendo o irmão Ernesto Ferreira feito a investidura de 10 jovens da Classe de «Amigos», 4 de «Companheiros» e 4 de «Guias». Estas investiduras deram estímulo aos jovens, pois que já alguns se estão preparando para nova classe.

Logo após realizou-se a bela cerimónia, em que foram sepultados os seis catecúmenos; todos

deram os seus testemunhos. Partimos com o coração cheio para a vida, onde mais uma vez tivemos a alegria de ouvir o irmão Ferreira no culto que calou bem em todos os corações. Com tristeza vimos partir, no domingo de manhã, os nossos irmãos directores, que nos proporcionaram momentos de alegria e prazer espiritual.

O casal Diogo, no desejo de bem servir, agradece ao Céu o êxito obtido, e suplica as orações dos irmãos em seu favor pela continuidade de novos êxitos para colher abundantes messes do Céu e para o Céu. Em nome da igreja da Brava agradece o vosso irmão em Cristo.

Adelino Nunes Diogo

Departamento dos M. V.

Curso de Leitura para 1955

O Departamento dos M. V. apresenta os seguintes livros para o Curso de Leitura deste ano:

Mensagens aos Jovens, por E. G. White. Casa Publicadora Brasileira. S. Paulo. 478 páginas. Preço avulso — 50\$00.

Todo o jovem devia obter um exemplar deste precioso livro do Espírito de Profecia. Nele são tratados os diferentes problemas que se prendem com a formação da juventude cristã, como se pode verificar por um simples exame dos títulos das respectivas secções: O propósito de Deus para com a juventude; O conflito com o pecado; Obter vitórias; Andar na luz; Preparação para a obra da vida; Serviço; Saúde e Eficiência; A vida devocional; Leitura e Música; Mordomia; A vida doméstica; Vestuário e Adornos; Recriações e Divertimentos; Relações Sociais; Noivado e Casamento.

O Homem que abalou o Mundo — Martinho Lutero, por Roberto Stewart. Quarta edição. Livraria Evangélica. Lisboa. 76 páginas. Preço avulso — 5\$00.

Numa linguagem clara e elegante, é apresentada a biografia do grande Reformador — desde os dias da sua meninice até à sua edificante morte. É impossível lêrem-se as páginas deste volume e não se sentir com mais coragem para testemunhar de Cristo. A fé de Lutero é contagiosa.

David Livingstone — Missionário e Explorador, pelo Dr. W. G. Blaikie. Segunda edição. Livraria Renascença. Lisboa. 40 páginas. Preço avulso — 4\$00.

Nesta breve biografia do grande missionário, podemos acompanhá-lo nas suas viagens em África, nas suas lutas em

favor dos indígenas, nos seus labores na disseminação da Mensagem Evangélica. Um livro que leva a amar as Missões e a fazer algo em favor dos que jazem ainda nas trevas.

Preço especial apenas para os jovens que sigam o Curso de Leitura: «Mensagens aos Jovens» com qualquer dos dois citados livros — 29\$00.

Alvo Missionário dos M. V. para 1955

As ofertas deste ano destinam-se à aquisição de uma Imprensa para Angola. Estamos certos de que todos os jovens e amigos dos jovens vão contribuir liberalmente a fim de terem a sua parte nesse projecto. Essa imprensa irá ser o instrumento para que muitas almas venham a ser salvas.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso 1\$50

Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA